

Aumento da taxa de juros pode ser decidido hoje

John M. Berry, do *The Washington Post*.

Na reunião da Reserva Federal (espécie de Banco Central dos EUA), iniciada ontem, os membros do Comitê Federal do Mercado Aberto certamente ficarão outra vez divididos, como aconteceram em março último, a respeito do estrangulamento das condições de crédito e, caso resolvam isto, quanto à medida em que deve ser desacelerado o ritmo da expansão econômica, para evitar qualquer reaceleramento da inflação.

Qualquer decisão no sentido de um maior estrangulamento deverá ser tomada hoje, pouco depois do encerramento da reunião, através de um anúncio de aumento na taxa de desconto da Reserva Federal. Esta taxa, atualmente em 9%, é o que as instituições financeiras pagam quando tomam dinheiro emprestado diretamente da Reserva Federal.

A 9%, o custo destes empréstimos é um bom negócio para as instituições. Os empréstimos de fundos nas outras instituições, no chamado mercado de fundos federais, teria custado, na semana passada, mais de 11%.

Alguns analistas acreditam que a diretoria da Reserva Federal já teria votado por um aumento da taxa, se não fossem as divisões existentes a respeito do rumo adequado da política a ser adotada a curto prazo. Os mercados financeiros provavelmente assumiriam um aumento desta taxa como sinal de uma política mais rígida e um nível mais elevado de taxas de juros — mesmo se o anúncio da mudança for decidido em função de aumentos anteriores.

A questão a curto prazo será decidir se a economia, como resultado de aumentos anteriores das taxas e do envelhecimento natural de uma expansão, está-se desacelerando tanto como se deseja no segundo semestre deste ano. Evidências recentes indicam que isto não está ocorrendo.

O produto nacional bruto, ajustado para a inflação, provavelmente cresceu num nível

de 6,5% ou mais no segundo trimestre do ano, segundo demonstram algumas estimativas. Além disto, a expansão em junho permaneceu forte, com o desemprego caindo para um nível de 7,1% e com as vendas no varejo e a produção aumentando.

A maioria dos membros do Comitê considera o controle a longo prazo da inflação como sua principal responsabilidade, ainda mais que os grandes déficits do orçamento federal continuam a fornecer um estímulo significativo à economia.

Uma opinião típica é a de Robert P. Forrestal, presidente do Banco da Reserva Federal em Atlanta, atualmente um dos membros sem direito de voto. "A longo prazo, o que queremos é uma estabilidade dos preços e um crescimento não-inflacionário."

Para cada membro do comitê, a decisão, esta semana, será uma questão de julgamento e de avaliação dos riscos: uma política que seja restritiva demais pode causar um estacionamento na expansão; uma outra política, que não seja suficientemente restritiva, poderá permitir um aumento da inflação.

No entanto, essa assimetria na política dificilmente garante que o Comitê irá decidir apertar as rédeas esta semana. Como disse um analista do mercado monetário: "Eu não acredito que eles adotem medidas mais rígidas. Não existe uma inflação suficiente para isto, os agregados monetários não estão explodindo, o dólar está forte e o sistema bancário continua sendo um problema".

Os resultados da reunião, caso não sejam indicados antes por alguma ação tomada em relação à taxa de descontos, será revelada no dia 25 de julho, quando o presidente da diretoria da Reserva Federal, Paul A. Volcker, fizer um dos seus relatórios semestrais a respeito da política monetária diante do comitê bancário do Senado.